

# Editorial

Marcelo Fagundes\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Docente da FIH/UFVJM. Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (UFVJM).

A edição temática da Revista Espinhaço “*Paisagens Arqueológicas em Minas Gerais*” (v. 2, n. 2, 2013) traz treze artigos de renomados pesquisadores que têm feito estudos nos diferentes ecossistemas do estado e, portanto, pela primeira vez na história da Arqueologia brasileira, uma coletânea de textos permitirá ao leitor uma visão geral do uso e ocupação do espaço mineiro em longa duração, ou seja, possibilitará uma maior compreensão acerca da História de Vida de grupos humanos, no tempo e no espaço, por meio de pesquisas recentes, de imensa qualidade e importância teórico-científica, além de proporcionar embasamentos jurídicos para proteção e gerenciamento do patrimônio arqueológico.

Há muitas definições do que seja a Arqueologia e seu principal objetivo, contudo, entender que o presente se fez por meio de diferentes escolhas e construções de sociedades do passado é uma das principais metas dessa Ciência.

Como parte das Humanidades, uma de suas metas é a reflexão do que aconteceu com os povos do passado, inferindo acerca do comportamento e ideias a partir dos materiais remanescentes que as pessoas fizeram e/ ou usaram e do impacto físico de sua presença no ambiente. O objeto de estudo da Arqueologia é denominado de cultura material e, diferentemente de outros campos das Ciências Humanas e Sociais, o arqueólogo não tem acesso direto ao pensamento, às ideias dos indivíduos do passado, salvo quando existem remanescentes desses povos ainda vivos, a exemplo dos grupos indígenas e comunidades quilombolas; ou quando existe documentação escrita relacionada ao período de estudo. De qualquer forma, hoje é consenso entre arqueólogos que o estudo da cultura material não é um fim, uma vez que esses objetos materiais são um meio de acessar a mente (as ideias) das pessoas do passado.

Interdisciplinar por natureza, a Arqueologia tem um diálogo extremamente íntimo com outras várias ciências, entre elas as Geociências, utilizando de métodos e técnicas muito conhecidos, por exemplo, entre geógrafos – da cartografia ao Sistema de Informações Geográficas. Obviamente debates teóricos estão presentes, estabelecendo diálogos entre conceitos que são caros a ciência geográfica, tais como: lugar, paisagem e espaço.

O objetivo dessa edição é apresentar a construção das diferentes paisagens “arqueológicas” em Minas Gerais. Os dados diferentes pesquisas têm contribuído para uma compreensão mais assertiva de como essas pessoas viviam no passado, se apropriavam e davam significados ao ambiente circundante, em um processo constante de construção, transformação e significação de suas paisagens. Diante disso, o geógrafo inglês, Denis Cosgrove (2012, p.228) afirmou: “(...) Todas as paisagens possuem

significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo Homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas (...) Mas pode ser lido nas paisagens rurais e até nas mais aparentemente não humanizadas paisagens do meio natural”.

Como poderá ser observado no artigo do Dr. André Prous (*As Muitas Arqueologias das Minas Gerais*), a pesquisa arqueológica em Minas Gerais não é recente. Dr. Lund, ainda no século XIX, já realizava as primeiras investidas científicas na região de Lagoa Santa (conhecida mundialmente), e pela primeira vez na história da Ciência já realizava os primeiros apontamentos da antiguidade da Humanidade. Após um longo período amadorístico, a Arqueologia científica mineira entre as grandes produtoras de conhecimento do passado sul americano.

Do XIX até nossos dias, muito se têm realizado para a garantia da proteção do patrimônio arqueológico mineiro, notoriamente rico e, mesmo com o aumento significativo das pesquisas ao longo dos anos, continua nos revelando mais e mais informações sobre o passado do Homem. Essa é uma realidade apresentada nos artigos do Dr. Marcos Paulo de Souza Miranda (Promotor de Justiça do Ministério Público Estadual de Minas Gerais), que discute os instrumentos jurídicos para proteção do patrimônio cultural mineiro; e do Msc. Alexandre Henrique Delforge (Técnico do Patrimônio Cultural do IPHAN/MG) que apresenta os fundamentos para o gerenciamento desse rico patrimônio.

Os artigos subsequentes apresentam pesquisas de mais alta relevância desenvolvidas no estado como um todo. Da rica arte rupestre em suas diferenças estilísticas às variadas indústrias, lítica ou cerâmica, tendo em vista os sítios arqueológicos no estado e suas cronologias.

A Revista Espinhaço, vinculada ao Núcleo de Geociências da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, vem contribuir para o avanço das discussões e reflexões sobre a Arqueologia mineira, reunindo artigos que estabelecem diálogo com a Geografia num contexto interdisciplinar. Trata-se de uma iniciativa de mérito e fundamental para a proteção do patrimônio arqueológico nacional.

---

## REFERÊNCIAS

COSGROVE, Denis. Mundos de significados: geografia cultura e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, vol. 01, pp.105-118, 2012.